

RAPHAEL FABRÍCIO DE SOUZA

**MENINOS NÃO CHORAM?
A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**



Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2004

RAPHAEL FABRÍCIO DE SOUZA

**MENINOS NÃO CHORAM?
A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para conclusão do Curso de
Licenciatura em Educação Física, Setor
de Ciências Biológicas, Universidade
Federal do Paraná.**

Orientadora: Dra. Maria Regina Ferreira da Costa

SUMÁRIO

RESUMO	iii
1.0 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	3
1.3 PROBLEMA.....	4
1.4 OBJETIVO.....	4
1.4.1 Objetivos específicos.....	3
2.0 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 GÊNERO.....	5
2.2 MASCULINIDADE.....	6
2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E AS QUESTÕES DE GÊNERO.....	10
3.0 METODOLOGIA	12
3.1 CONTEXTO INVESTIGADO.....	12
3.2 ESTUDO DE CASO.....	14
3.3 ESTUDO ETNOGRÁFICO.....	15
4.0 GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	18
5.0 VIVÊNCIANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA	29
5.1 PRIMEIRA AULA – TEMA: JOGO COM BOLA.....	31
5.2 SEGUNDA AULA – TEMA: ATIVIDADES INDIVIDUAIS.....	32
5.3 TERCEIRA AULA – TEMA: JOGOS COM REGRAS CRIADAS JUNTO AOS ALUNOS(AS).....	33
5.4 QUARTA AULA – TEMA: ATIVIDADE EM MICRO EQUIPES.....	36
5.5 QUINTA E SEXTA AULA – TEMA: AULA MUSICAL / CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS COM SUCATA.....	38
6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as relações de gênero e as influências que as professoras de Educação Física do Colégio Estadual Júlio Mesquita exercem na (re)produção de valores da masculinidade hegemônica e as conseqüentes interpretações por parte dos alunos. Partimos, inicialmente de um estudo de caso, isto é no ano de 2002 e 2003, e na medida em que houve um bom entrosamento e interesse pela pesquisa por parte da professora, a pesquisa passou a ter um sentido etnográfico e desse momento colaboramos com a discussão da temática de gênero, planejamos 5 aulas e na seqüência discutimos os elementos da prática objetivando superar os estereótipos de gênero possibilitando aulas diversificadas no âmbito da equivalência entre os sexos. Este estudo foi realizado com auxílio das observações das aulas de Educação Física durante o 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, entrevistas aos alunos e as professoras. Constatamos uma predominância masculina nas participações, meninos mais ativos, visando preponderantemente a competição, com marcas de agressividade e força, isto acontecendo mesmo com a utilização de estratégias docentes de participação como “o dia do objetivo”. Contudo, há que ressaltar que a escola é uma instituição social complexa e contraditória em relação a sociedade da qual faz parte. Na escola se desenvolve uma continuidade dos processos identitários dos sujeitos, razão pela qual a escola é um espaço recorrente para a reconstrução da vida social, tanto no aspecto reprodutor como renovador, isto é, ao mesmo tempo que se pede que mantenha as tradições também se espera que este seja um lugar de preparação para o mundo. Nossa colaboração além dos aspectos citados acima teve um sentido de orientar as atividades desenvolvidas na turma analisada com aprimoramento de atividades adequadas a faixa etária, que envolvessem capacidades individuais, em grupos, que despertassem o senso de liderança, (re)criação e inovação de regras pelos alunos, desenvolvimento de habilidades artísticas e musicais. O trabalho em parceria com a professora aconteceu de maneira estratégica, já que num primeiro momento tivemos uma série de rejeições frente a proposta, preocupação em saber se nossas observações eram avaliativas e além disso houve muita dificuldade para dialogar sobre os acontecimentos e dúvidas. Também utilizamos de textos que tratavam da pesquisa de gênero no dia-a-dia das aulas de Educação Física e que serviram de pontos de partida para discussões, conversas informais, participação junto a turma nas atividades, feedback sobre as evoluções e dificuldades da turma junto com análise conjunta (pesquisador e professora) e isto, proporcionou, nas palavras da professora "um redimensionamento dos valores vinculados ao gênero que deve ser constante nos planejamentos das aulas de educação física". A experiência foi interpretada como desafio pela professora que não conhecia a relevância da problemática, discutindo e se interessando pela mesma. Este estudo revelou a falta de conhecimento sobre a temática de gênero e que no caso estudado esta experiência foi significativa à professora o que proporcionou participação de ambos os sexos

Palavras chaves – *Masculinidade, Educação Física, Ensino Médio*

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

O tema gênero¹ emerge no âmbito acadêmico com o objetivo inicialmente de questionar as desigualdades entre os sexos. Os movimentos feministas e os movimentos dos homossexuais, na década de 60 e 70, questionam a heterossexualidade, as relações entre homens e mulheres, os estereótipos que foram e são construídos historicamente sobre o modo de ser feminino e masculino.

Após as primeiras conquistas surgem novas reivindicações que estão relacionadas ao questionamento da predominância masculina na ordem sócio-simbólica, ou seja, na política, religião, economia, na família, na escola...

No que se refere a escola, este é o espaço privilegiado da socialização, mas com pesos diferentes para os jovens de um e outro sexo. Hábitos e atitudes de ordem, limpeza, submissão e expressão, geralmente privilegiados na socialização das meninas, coincidem com as atitudes requeridas na escola, o que nem sempre acontece com o processo de socialização dos meninos.

Sendo assim, as professoras e os professores precisam observar suas próprias atitudes ou omissões que podem reforçar, ou não, preconceitos de gênero dando atenção diferenciada a meninos e meninas: por exemplo, aceitar atitudes inadequadas dos rapazes com argumentos de naturalização "homem é assim mesmo", ou censurar atitudes das jovens com o argumento "não fica bem para uma menina", quando o correto é chamar a atenção de umas e outros recorrendo ao rol de direitos e deveres do cidadão. De acordo com FELIPE (2000) o processo de escolarização segundo está diretamente relacionado ao controle dos corpos, impondo assim uma

¹ LOURO (1997) define gênero como uma construção social e histórica tratando-se de um conceito plural que varia de acordo com cada sociedade, época, classe, religião e idade.

série de comportamentos, hábitos, atitudes, que, num determinado tempo histórico e espaço social.

Daí que nas práticas e interações entre alunos e alunas são observadas diferentes formas de comportamento que remetem às características diferenciais entre os sexos. Meninos demonstram-se predominantemente mais agressivos do que as meninas que se mostram sensíveis e até mesmo submissa a eles.

SCHESCHOWITSCH (2002) ressalta a necessidade do aprofundamento nas diferenças não somente entre os dois sexos quanto entre os indivíduos do mesmo sexo, logo que, nem todas as meninas terão as mesmas facilidades e dificuldades, sendo que o mesmo acontece com os meninos que costumam sofrer, devido a esta ignorância, uma forte cobrança, principalmente os mais fracos fisicamente, ou menos habilidosos no futebol.

Parece fácil afirmar que meninos são diferentes de meninas, no sentido mais amplo, isto devido as características biológicas e que de fato são. Porém, na compreensão das manifestações, a formação cultural interage diretamente na construção dos sujeitos indo então, além do olhar superficial referente ao sexo, isto quer dizer que: os meninos desde pequenos praticam brincadeiras e atividades “mais livres” diferente das meninas que são envolvidas nas atividades definidas para elas: bonecas, casinha, que as socializarão no modo de ser mulher, esposa e mãe.

Ao tratarmos de formação educacional notamos peculiaridades que circulam entre os alunos com o passar dos anos escolares determinando as predominâncias incrustadas na sociedade machista, “patriarcal”. As repercussões sociais ao delimitarmos a área escolar e em específico nas aulas de Educação Física, tornam-se relevantes principalmente frente aos comportamentos e participações nas aulas, reforçando o modo de ser do macho.

Daí que, o esporte configura-se como principal instrumento docente, sua metodologia deveria estar voltada a dimensão global, no caso escolar, para o desenvolvimento integral dos alunos/as, acaba marcando as características que deveriam ser encontradas em escolas de formação esportiva: seleção, exclusão, individualidade...

No esporte onde são os meninos que se mostram mais ativos e ainda dominadores dos espaços, em especial nas quadras. O espaço e o lugar feminino nas aulas é configurado

pelo masculino. O jogo masculino caracteriza-se por disputas árduas, empenho na vitória e, além disso, mais dinâmico que o feminino que é caracterizado pela recreação. Nesse sentido, acreditamos que o professor\a, como mediador\a das relações deve atuar na desmistificação destes pólos assim como problematizar as ações. Contudo, as interações se mostram ainda “tímidas” mediante a complexidade das situações.

1.2 JUSTIFICATIVA

Ao longo do curso de Licenciatura em Educação Física, participei de duas bolsas de estudos onde procurei aprofundar conhecimentos sobre a temática. A partir do 2º ano de faculdade venho percebendo, analisando e compreendendo as relações de gênero na sociedade, em especial nas aulas de Educação Física e especificamente no segundo grau.

A conduta dos meninos comparada com as meninas reservam peculiaridades referentes ao sexo: maior índice de meninos nas aulas de reforço escolar (Carvalho, 2001) e nos centros de atendimento ao educando (ROZEK & BERNARDES, 1999), predominância e dominação nos espaços nas aulas de Educação Física (DAOLIO, 1996; ALTMANN, 1999) e iniciação ao mercado de trabalho antes das meninas (FRANCO & NOVAES, 2001). Nas aulas de Educação Física as atividades esportivas identificadas no planejamento docente dependem do enfoque teórico metodológico utilizado: corporeidade, sociabilização e desenvolvimento do acervo motor, porém há predominância dos jogos esportivos no ensino médio que requerem atenção às características marcantes do sexo masculino, entre estas a agressividade e virilidade fortemente explicitadas no âmbito competitivo ou no jogo esportivo na visão das professoras participantes deste estudo. Neste sentido, quando o jogo é comparado ao esporte SABO (2002) identifica sendo o local onde culturalmente se comprova a masculinidade ou como uma “escola” na qual se aprende a valorizar o “ser mulher”, um espaço cultural onde, muito freqüentemente, os meninos e os homens aprendem a se enaltecer desvalorizando os homens fisicamente mais fracos e as mulheres. Além disso, o esporte incentiva a homofobia que gera preocupação no sentido da comprovação masculina.

1.3 PROBLEMA

Como os alunos do ensino médio da Escola Estadual Júlio Mesquita se relacionam nas aulas de Educação Física?

1.4 OBJETIVO

O presente estudo teve como finalidade analisar como as aulas de Educação Física contribuem na construção da masculinidade dos alunos da Turma B nos anos de 2001, 2002, 2003 do ensino médio da Escola Estadual Júlio Mesquita da cidade de Curitiba – Paraná.

1.4.1 Objetivos específicos

- Analisar como os meninos se relacionam entre si nas aulas de Educação Física do 1º ano do ensino médio (2001, 2002, 2003) na Escola Estadual Júlio Mesquita.
- Como atuam no grupo misto.
- Quais atividades são desenvolvidas durante as aulas de Educação Físicas
- Qual a preferência, dos meninos, de atividades físicas durante as aulas de Educação Física.
- Quais os espaços físicos que os meninos ocupam nas aulas de Educação Física.
- O que os meninos aprendem implícita e explicitamente nas aulas de Educação Física.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 GÊNERO

O termo gênero é uma construção social, cultural, psicológica e individual de masculinidade e feminilidade e está permeada pela classe social, raça, religiosidade entre outros elementos culturais diferenciadas por corpos, sexo e sexualidade. O gênero não se constitui em apenas uma forma, se molda através de vários elementos e se representa de diversas maneiras, ou seja, o gênero é plural.

Nos mais amplos termos, é a forma a qual as diferenças sexuais dos corpos são trazidas a prática social, tornando-se parte do processo histórico. Vai além da interação homem e mulher, engloba a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade. (CONNELL R.W. 1995)

CEMBRANEL (2000) recorrendo a SOUZA (1997), SCOTT (1995) o definem como uma construção social, compreendida num processo infinito de modelagem e conquista dos seres humanos, envolvendo relações entre homens, entre mulheres e, entre homens e mulheres. É um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, é uma forma primária de dar significado as relações de poder que aparecem implicitamente relacionados ao feminino e ao masculino, inconscientemente valores são articulados num campo de submissão e dominação.

MEDRADO & LYRA (2002) conceituam o gênero como uma tentativa de aglutinar interesses comuns e ampliar a compreensão das relações entre os sexos, apoiando-se não na idéia, de que os sentidos de masculino e feminino, em nossa sociedade, é definido em termos da relação entre ambos e do contexto sócio-histórico mais amplo que apenas machos e fêmeas na espécie humana, em que coexistem outras categorias, tais como raça/etnia, idade e classe social.

O gênero na escola pode ser analisado sob o prisma de que a escola é uma instituição que molda corpos, que inculca um modo de ser, há uma concentração de manifestações, inquietações, aceitação, reunião ou conflitos entre as diversas identidades.

Cabe à escola proporcionar a meninos e meninas a oportunidade de aprenderem a conviver, descobrirem-se entre si, compreenderem suas diferenças, sem que haja discriminação entre ambos, procurando sempre desenvolver o respeito mútuo, considerando suas características em todas as dimensões de modo a constituir um repertório amplo, vivendo os movimentos numa multiplicidade de situações.(CEMBRANEL, 2000, p.218)

Refletindo sobre essa colocação podemos dizer que a escola teria como papel proporcionar aos alunos a interação de forma igualitária sem que houvesse qualquer tipo de diferenciação entre etnia, sexo ou classe social.

Nas aulas de Educação Física segundo CEMBRANEL “*tanto os professores como os alunos(as) sustentam as divisões de gênero nas aulas de Educação Física reforçando a feminilidade e a masculinidade como excludentes entre si.*” (2000, p. 204). Tal situação é reforçada quando mantêm aulas de Educação Física separadas por sexo. Muitos professores ainda não estão preparados para aulas co-educativas, muitos preferem e defendem as aulas divididas por sexos e outros trabalham com turmas mistas, mas não percebem as discriminações que acarretam sua prática. Sendo assim os alunos crescem aprendendo e aceitando desde pequenos uma divisão impregnada de estereótipos.

2.2 MASCULINIDADE

Ao tratar da masculinidade podemos dizer que esta se revela numa imensidão de significados e multiplicidades. Modela-se conforme contatos sociais e experiências. Os comportamentos se mostram independentes, dentro da mesma masculinidade temos várias formas de manifestações. Na escola, podemos constatar que alunos de mesmas idades e sexos se comportam de diferentes maneiras. Muitos podem se diferenciar como, por exemplo: preferência por estudos ou esportes (CONNELL,1995). A maneira de se mostrar

masculino também é modificada, se definem outras formas que comprovarão a presença masculina.

Com relação a formação de meninos e homens, (SILVA & FERREIRA 2004) consideram o fato de que os processos de construção de gênero, raça e classe se dão de forma multifacetada através de atitudes, práticas, comportamentos, valores, conhecimentos e habilidades socialmente construídas de forma conflitante, divergente e às vezes contraditória.

O esporte, sem dúvida, é um espaço estratégico para o estudo das masculinidades, assim como das relações de gênero. Dentre outros, a agressividade e a virilidade masculina acabam sobressaindo no âmbito competitivo.

Daí que concordamos com SABO (2002) quando diz que, no esporte culturalmente se comprova a masculinidade, tido como uma “escola” na qual se aprende a valorizar o “ser homem” e a desvalorizar o “ser mulher”, um espaço cultural onde, muito freqüentemente, os meninos e os homens aprendem a se enaltecer desvalorizando os homens fisicamente mais fracos e as mulheres. Uma evidencia sobre a exaltação masculina pode ser vista com relação a mídia exibindo apenas jogos masculinos.

SABO (2002) defende o esporte quanto aos ensinamentos que proporciona, como trabalhar com dedicação para alcançar uma meta, desenvolver e valorizar a autodisciplina, saber se recompor depois de uma perda ou derrota, a humildade, trabalhar com os outros e valorizar o trabalho de equipe, a coragem ou habilidade para encarar com firmeza as dificuldades e incertezas. Contudo, o autor questiona quando se aprende a usar o corpo como um instrumento de agressão, tentando machucar os outros para ganhar os jogos ou para ocupar uma posição superior da hierarquia. Ou quando ignora a dor ou supri suas emoções, a obedecer a autoridade do treinador, a autoridade masculina, sem questionar, mesmo que isso implicasse no risco de lesão física.

Este auto comenta ainda que, o esporte além de desvalorizar a mulher desvaloriza ainda homens com status menor, chamados por SABO de patriarcas, grupos de homens da elite subjugam e exploram grupos de homens com status menor. Está presente ainda a homofobia que gera preocupação no sentido da comprovação masculina, “o ideal

masculino provém nem tanto do desejo de ser viril, mas do medo de ser visto como pouco viril ou como feminino”. (SABO, 2002 p.37)

Na escola, em específico através das aulas de Educação Física, não se objetiva, uma esportivização extrema e competitiva, porém uma das formas, se não a principal, de corporização se dá por meio dos esportes. Neste meio meninos e meninas estão dispostos, contudo, predominantemente os meninos se elevam neste patamar que além das representações sociais marcadas - branca, heterossexual e dominante - a virilidade é constantemente vigiada.

A luta por hegemonia recai constantemente numa insuficiência masculina, tanto nos comportamentos quanto nos pensamentos, avaliação ou mesmo auto avaliação permanece constante nas personalidades. Conforme CONNELL (1995) para os homens, a obtenção de uma compreensão mais profunda a respeito de si próprios, especialmente no nível das emoções constituiria uma chave não apenas para a transformação das relações pessoais, mas também da sexualidade e ainda mais a da vida doméstica. É que o “papel masculino” possui vários pontos fracos. De tal forma que, não nos permite compreender questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material. Trata-se de um conceito que não nos permite ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidades.

Assim que, o homem se fecha nele mesmo, suas tensões, posturas, a forma de se movimentar, habilidades físicas são vistas e repassadas como fixas, como se todos os homens fossem iguais. Mesmos modos e maneiras de ser. Reprimidos e condicionados passam a esconder ou camuflar suas vontades.

Muitas vezes os rapazes são pressionados a agir e a sentir de forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade, vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, freqüentemente, a repressão de seus sentimento. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres (CONNELL, 1995, p.190).

A escola, por vezes, acaba reforçando tais paradigmas. CARVALHO (2001), nos diz que desta maneira a escola apóia e empurra os alunos para um “fracasso acadêmico”, assim contribui para que os meninos assumam essas formas de masculinidade como única via de realização de algum poder e autonomia, esquecendo a amplitude que existe entre as relações masculinas.

Outro ponto importante é a forma de avaliação que se dá nos espaços escolares, que não apenas avaliam as notas, mas também comportamentos, e quando tratamos de meninos estes estão sempre em movimento. Além das palavras, os comportamentos, os gostos e os pensamentos também são internalizados.

... percebe-se que falar sobre masculinidades nos dias atuais é assim, uma proposta complexa e inovadora. Investigar sobre masculinidade significa não apenas apreender e analisar os sentidos disponíveis sobre o masculino no imaginário, mas também discutir preconceitos e estereótipos e repensar a possibilidade de construir outras versões e sentidos (MEDRADO & LYRA, 2002 p.73).

Tais discussões colocamos junto ao desenvolvimento do esporte moderno que acontece paralelamente com a moderna sociedade industrial, ou seja, assume seus princípios e desenvolvimento, quase que exclusivamente determinado pelo sexo masculino. Neste sentido, não é de se estranhar que o esporte moderno seja considerado como um dos lugares privilegiados onde meninos e jovens desenvolvem a masculinidade hegemônica. No mundo masculino, o treinamento e a luta são racionalmente planejados e executados.

Ao tratar do tema esporte nas aulas de Educação Física Escolar, cabe salientar que o esporte é um dos conteúdos predominantes, onde são transmitidos/ reproduzidos valores e ao mesmo tempo estes têm alcançado uma valorização positiva no âmbito social. No esporte existe um acentuado incentivo a concorrência, agressividade e ao rendimento.

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Neste item da revisão tratarei das questões referente ao cotidiano docente e discente no que se refere as relações de gênero na escola, em especial, nas aulas de Educação Física.

ALTMAN em 1999 com o intuito de compreender como as meninas e os meninos constroem as relações de gênero na Educação Física observou aulas de quatro turmas de 5ª série, nos recreios e também nos Jogos Olímpico Escolares, em uma escola municipal de Belo Horizonte. Em sua pesquisa são ressaltadas três categorias eixo para análise: a ocupação do espaço físico escolar, as exclusões em jogos esportivos e o cruzamento de fronteiras de gênero e da sexualidade na escola.

“por meio do esporte, meninos ocupavam espaços mais amplos que as meninas. No entanto, elas resistiam a esse domínio de diversas maneiras, por exemplo: a partir de sua cumplicidade com a professora. Exclusões em jogos esportivos, um dos principais motivos de conflitos entre meninos e meninas nessas aulas, manifestavam-se de maneira polarizada em torno dos sexos. Entretanto, essas exclusões não se restringiam somente ao gênero, mas eram também por questões relacionadas à habilidade, idade e força. Além disso, havia uma simultaneidade entre ser excluído e excluir-se. Em meio a genereficação de habilidades esportivas, as meninas não representavam um desafio aos meninos, mas uma ameaça”.
(ALTMAN, 1999:112.)

Foram nos jogos e brincadeiras que se legitimaram o relacionamento entre os estudantes, mostrando a circulação informal de representações de gênero e da sexualidade. Dito isso as relações construídas pelos sexos na escola são caracterizadas pelo simultâneo controle e cruzamento das fronteiras de gênero.

Em estudos realizados por COSTA E SILVA em 2002 a análise esteve vinculada à relação entre escola mista e escola co-educativa ficando estas pautadas pela igualdade ou diferença. Os autores questionam-se frente a um dilema: Um único modelo na escola, ou seja, a mista seria suficiente para a formação de ambos os sexos?

A preocupação estaria diante da forma a qual são interiorizados as normas, valores e códigos de conduta, que muitas vezes acabam favorecendo a fixação de padrões sexistas enraizados na sociedade. Estudos comentados pelos autores demonstram que os educadores e educadoras, nas relações estabelecidas com grupos “ditos” co-educativos, acabam por apresentar maior atenção para os meninos, deixando as meninas em segundo plano.

Segundo Costa e Silva (2002) comentam que os quadros apresentados podem ocorrer talvez pelo fato de que as meninas costumam perturbar menos em termos disciplinares, devido a ao modo de socializar as meninas. Para tanto os caminhos da co-educação nas aulas de Educação Física devem dar maior ênfase a abordagem entre os sexos e promoção da igualdade *“tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo.”* (COSTA E SILVA 2002: 48).

O estudo de caso realizado por SCHESCHOWITSCH, (2002) buscou analisar quais fatores dificultam e limitam as aulas de Educação Física. Para a realização do estudo observou uma turma de 6º série de uma escola pública de Curitiba. As observações foram pautadas em três aspectos norteadores: as atividades desenvolvidas; o relacionamento entre meninos e meninas e participação de alunos e alunas nas aulas. Constatou uma polarização entre os sexos ficando evidente a desmotivação e inatividade por parte do sexo feminino nas aulas. Outro evidencia foi à falta de aprofundamento por parte dos docentes, para as questões de gênero já que vários momentos sobressaiu os estereótipos que colocava em pauta as desigualdades entre os sexos.

3.0 METODOLOGIA

3.1 CONTEXTO INVESTIGADO

Este estudo foi realizado no Colégio Estadual Júlio Mesquita localizado no Bairro Jardim das Américas na cidade de Curitiba-Paraná. Esta escola atende aproximadamente 1400 alunos/as distribuídos/as em três horários de funcionamento manhã, tarde e noite. Pela manhã há um predomínio de turmas: 5^a a 8^a série do ensino fundamental e 1, 2 e 3 do ensino médio. No período da tarde a escola atende as turmas de 1^a a 4^a série do ensino fundamental. Já no período noturno a escola é freqüentada apenas pelos alunos/as da Educação para Jovens e Adultos (EJA).

O quadro docente é composto por 53 professores/as com uma carga horária média de 20 horas. A equipe técnica conta com nove orientadoras educacionais e uma coordenadora pedagógica, além de diretor, vice-diretor e mais 22 funcionários.

No que se refere a área de Educação Física há 3 professores. A distribuição da carga horária didática na disciplina de Educação Física para o ensino fundamental é de 3 aulas por semana enquanto que no ensino médio são duas aulas por semana.

O espaço reservado às aulas de Educação Física foi limitado a duas quadras esportivas divididas por um pátio coberto. Além deste espaço as aulas teóricas foram ministradas na sala de aula assim como os jogos de salão: trilha, dama, xadrez, utilizados nos dias chuvosos. Observei que algumas vezes houve coincidência de horário entre os 3 professores de Educação Física e deste modo tiveram que compartilhar e improvisar os espaços. Quando isto acontecia dificultava o desenvolvimento das atividades e um professor acabava levando uma turma à cancha da praça.

Os materiais esportivos disponíveis às aulas de Educação Física também foram limitados, como nas várias escolas estaduais, poucos tabuleiros para jogos de salão, arcos, corda e bolas.

Ao observar a estrutura física da escola averiguamos que a mesma ocupa uma quadra inteira, mas o prédio não é muito grande, além disto o mesmo apresenta problemas de conservação, tal como quadras com muitos buracos. Isso revela a falta de manutenção que o estado proporciona as escolas públicas estaduais.

Iniciamos as observações na turma mista do 1º ano “B” do Ensino médio no ano de 2002 dando continuidade nos dois anos seguintes com a turma intitulada 2º e 3º ano “B”. As aulas de Educação Física foram ministradas duas vezes por semana com duração de 50 minutos. As observações foram efetuadas uma vez por semana, buscando saber dos alunos/as o que aconteceu na aula anterior. No tempo em que estive realizando essa pesquisa a turma investigada foi atendida por três professoras que aceitaram sem restrições as observações das aulas.

O colégio foi escolhido pela facilidade do acesso e também porque outras pesquisas de disciplinas do curso, eu realizei neste colégio, deste modo a entrada no estabelecimento foi sem maiores burocracias.

Direcionei o estudo ao ensino médio, mas a escolha também se deu devido a coincidência dos meus horários disponíveis. As aulas foram observadas junto aos alunos/as, ora interagindo, ora observando.

Modos de movimentação no campo de investigação. Elaborei um diário de campo onde anotei o que acontecia, como acontecia e depois fazia as reflexões pertinentes. As primeiras anotações foram feitas logo após os acontecimentos, com o passar do tempo estas foram posteriores as aulas, pois com a maior proximidade aos alunos/as e professoras aproveitei para realizar conversas informais com o objetivo de obter uma maior aproximação junto aos alunos/as e professora.

Ser aceito como investigador no espaço escolar muitas vezes é uma condição incomoda visto que as professoras investigadas em muitos momentos não ficaram à vontade, pareciam inquietas. Isto pode revelar uma insegurança dos professores/as, querendo mostrar plena interação tanto com os alunos\as assim como com os conteúdos não conseguindo se concentrar nas aulas. GARCIA (2001) assinala em seus escritos que, há um sentimento de invasão nos professores/as quando na presença de um

pesquisador/ra. *“Sentíamos invadidas por quem chegava à escola, com ares muito importantes de quem sabe, e se punha a nos fazer perguntas ou nos solicitava observar nossas aulas”* (GARCIA, 2001, p.15). Muitos professores/as chegam a usar desculpas para impedir a presença nas aulas, já que perdem a naturalidade, os educadores tentam fazer de tudo para que uma aula seja “perfeita”.

Isto pode ser resultado da falta de conhecimento dos resultados de pesquisas realizadas nas escolas, já que os docentes, nunca ficam sabendo dos resultados, “descobertas”, análises e deste modo se sentem utilizados como objetos de pesquisa e pior ainda quando não sabem nem o que está sendo analisado em suas aulas. (GARCIA, 2001).

Estivemos atentos as nossas altitudes dentro do colégio, ao conversar com as professoras inicialmente não colocávamos opiniões sobre as temáticas, mas tentava captar como elas entendiam o fenômeno estudado.

A coleta de informações foi efetuada através das anotações das aulas, conversas informais com alunos/as e professoras, busca de documentos na secretaria da escola, entrevista com as professoras.

3.2 ESTUDO DE CASO

A primeira metodologia escolhida foi o estudo qualitativo de caso que reserva uma compreensão detalhada dos fatos indo além das generalizações conectando-as com a realidade vivida e integrando teoria e prática.

Segundo MOLINA (1999) o estudo de caso qualitativo é adequado especialmente nas situações em que buscamos a resposta dos “porquê” e/ou “comos” de acontecimentos aos quais obtemos poucas informações. Esta metodologia centra em observações profundas e concretas dos acontecimentos, fatos, problemas e fenômenos para o conhecimento determinado, sendo necessário que o investigador mantenha um papel interativo a situação vivenciada.

A natureza dos dados e como eles nos remetem a uma maior compreensão da realidade são características importantes neste estudo, que junto com a análise em suas características particulares nos remete a uma melhor definição quanto a amplitude desta metodologia. Aqui o objetivo não é generalizar a experiência, mas descrever e analisar a experiência vivida no contexto escolar.

No estudo de caso, além de suas características particulares, o entrosamento entre problema e lugar são relevantes, com o problema se completando em campo. Deste modo podemos levar em consideração também o ambiente em que acontece o fenômeno assim como facilidades de contatos, disponibilidade de documentos, distância e deslocamento ao decidirmos o local do estudo, ou seja, a possibilidade de acesso as informações.

3.3 ESTUDO ETNOGRÁFICO

No terceiro ano de pesquisa o estudo Etnográfico foi incorporado objetivando além das observações um maior contato com a turma e o momento oportuno ao desenvolvimento de atividades planejadas junto com a professora, num processo de colaboração.

Num primeiro momento a pesquisa esteve voltada as análises dos comportamentos e interações dos alunos entre si e também da professora com os alunos e alunas. Na seqüência e com a aceitação da professora utilizamos as informações iniciais como base para o planejamento de atividades que visavam a equidade entre alunos\as.

Esta abordagem antropológica segundo ANDRÉ (2001) é justificada devido as interações de sala de aula que ocorrem num contexto de multiplicidades de significados, que fazem parte de um universo cultural que deve ser estudado pelo pesquisador. Desta forma para entender e descrever esse universo, o pesquisador deve usar a observação participante que busca compreender e descrever a situação, revelar seus múltiplos significados.

Quando os estudiosos das questões educacionais recorreram à abordagem etnográfica, eles buscavam uma forma de retratar o que se passa no dia-a-dia das escolas, isto é, buscavam revelar a complexa rede de interações que constitui a experiência escolar diária, mostrar como

se estrutura o processo de produção de conhecimento em sala de aula e a inter-relação entre as dimensões cultural, institucional e instrucional da prática pedagógica. O objetivo primordial desses trabalhos era a compreensão da realidade escolar para, numa etapa posterior, agir sobre ela, modificando-a. (ANDRÉ, 2001, p. 102)

Segundo esta mesma autora, os estudos etnográficos trouxeram uma série de contribuições a situações:

- Deslocou o foco de atenção das partes para o todo e dos elementos isolados para a sua inter-relação.
- Permitiu uma incorporação aberta e flexível decorrente das situações escolares que deve manter o pesquisador durante a coleta e a análise dos dados, o que lhe permite detectar ângulos novos do problema estudado.
- Possibilitou ajustes durante o processo, pela identificação de elementos não previstos no planejamento inicial da pesquisa, mas essenciais para a análise e a compreensão da prática pedagógica.
- Revelou o cotidiano da prática pedagógica, inaugurando uma linha de estudos que se tornou conhecida como “pesquisas do cotidiano escolar”.
- Tornou possível a divulgação do trabalho de bons professores, retratando situações que podem servir de modelo aos iniciantes e de material para discussão nos cursos de formação e aperfeiçoamento docente.

Podemos também assinalar três fases no processo etnográfico que enfocados por ANDRÉ (2001) deverão receber devidas atenções para que haja homogeneidade na pesquisa.

A primeira fase da pesquisa etnográfica exige o aprofundamento da literatura relacionada ao tema e sobre o contexto a ser estudado sendo fundamental para a formulação do problema e para a construção do olhar teórico que orientará o trabalho de campo.

A segunda é a do trabalho de campo, que envolve a observação direta e intensiva e as estratégias que visam captar as opiniões e representações dos atores

sociais. O pesquisador não segue hipóteses rígidas, fica atento ao surgimento de pistas que o conduza a novas formulações e novas perspectivas de análises.

A terceira fase do trabalho etnográfico é a da sistematização dos dados e sua apresentação em forma de relatório. Isso leva mais uma vez o pesquisador a dialogar com a teoria e com os dados num movimento de vaivém que envolve rearranjos, recomposições abstrações e que culmina em nova estruturação do real.

As novas direções da pesquisa etnográfica em educação vem ampliando a preocupação com questões de ética e de valor relativas aos sujeitos ou grupos investigados e para os receptores da pesquisa enfatiza-se a necessidade de justificativa clara e objetiva das opções e das interpretações do investigador defendendo formas de colaboração e parceria entre pesquisador e pesquisado, rompendo qualquer outra estrutura de relações de poder.

4.0 O GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Certo dia observando uma aula de Educação Física uma cena me chamou a atenção. Estava ao lado da professora, os alunos sentados e as alunas jogando basquete, certo momento Fernanda vem em nossa direção chorando informando a professora que não tinha condições de jogar mais. A professora preocupada logo perguntou o que aconteceu. Nervosa responde curta e grossa: *“elas só me arrancam me chutam e beliscam”*. A professora responde que *“infelizmente o basquete é um jogo coletivo e que todos os jogadores estão sujeitos a estas condições”*. Passado isto surge no fundo uma voz masculina *“menino não chora”*. Apenas compreendi o que aquelas palavras significavam quando Fernanda voltou a jogar. Ela era quem tinha mais facilidade e habilidade no jogo, e propositalmente outras meninas objetivando romper sua passagem chutam e a arranhavam. Desta forma como suas atitudes chamavam a atenção dentre todas as meninas, onde suas práticas apresentavam características marcadas como “masculinas” (jeito de andar, de falar, e praticar esportes) ela na turma era considerada como *“meninão”* nas palavras dos alunos. A professora nada fez diante da situação, comentando que ela sabe se defender.

Minhas análises remetem aos estereótipos masculinos identificados na sociedade e copiados pelos alunos\as que observei na turma em muitas situações e neste sentido os alunos\as e professora não se davam conta que os valores ditos femininos e masculinos na nossa sociedade não são fixos e nesse caso a transgressão de Fernanda, que era ser habilidosa, poderia ser vista como um menino, já que menino não chora. Contudo, são questões que nos instiga ao estudo do universo que envolve o imaginário social, que no ensino médio apresentou-me como busca para complementação de análises teóricas sobre a sexualidade.

Logo no início das observações houve trocas e substituições das professoras configurou-se como primeiro empecilho onde na busca da compreensão e identificação da prática pedagógica. Só no primeiro ano observado a turma passou por quatro professoras, nossas observações aconteceram a partir do segundo semestre de 2002, onde até o final do

ano letivo duas professoras ministraram aula a turma observada. As mudanças de professoras “impediram” um prosseguimento no trabalho pedagógico desenvolvida, já que cada professora se que apresentava na turma elaborava um planejamento diferente utilizando formas diferentes de metodologia, remetendo aos alunos(as) adaptações.

Mesmo com a facilidade para adentrar no campo de investigação e com a aceitação formal das professora percebi rejeições nas observações, já que imaginavam que eu faria apenas algumas observações, e este não foi o caso. Senti que minha presença incomodava assim que nos primeiros contados entrevistas foram dificultadas, entendi que faltava um melhor entrosamento com as professoras ou até mesmo pela minha inexperiência como investigador.

Aprendi que compreender como a professora se relacionava com estes elementos era de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, também tinha um elemento importante que a própria palavra pesquisa e também que eu sou aluno da federal, esses elementos operam como um sentido hierárquico de conhecimento, pois venho da catedral da pesquisa e nesse sentido poderia apontar o que a professora(s) fazem inadequadamente e ponto final. Mas, não era esse o objetivo do trabalho, primeiro teria que observar o que faziam e ao mesmo tempo buscar uma aproximação para propor uma pesquisa etnográfica que fornecesse subsídios ao contexto investigado.

O discurso individual de cada professor manifesta o universo subjetivo que ele constrói a partir das suas vivências objetivas/sociais. Desta forma para um projeto que pretende contribuir para mudanças na prática pedagógica do professor de Educação Física, torna-se relevante aprender e compreender a representação que este professor tem acerca de seu trabalho, pois estas representação é constituída e constituidora da realidade social na qual ele se insere (BRACHT & Co., 1999, p. 183-192)

As observações se dirigiam as manifestações da turma perante as relações de gênero, contudo a intervenção de cada professora faz parte desta rede onde os alunos(as) são frutos de muitas representações. E como nosso objetivo vislumbrava uma intervenção futura na escola houve um maior contato com as professoras se fez necessário.

As professoras que ministraram as aulas de Educação Física a turma observada foram protagonistas dessa pesquisa e nesse sentido quero retratar aqui suas experiências e expectativas.

A primeira professora observada, Célia, formou-se em 1974 e assim que iniciei as observações ela entrou com o processo de aposentadoria. Posso afirmar que, a professora iniciou seus trabalhos com a turma no mês de agosto, ou seja, iniciamos juntos, ela como professora e eu como pesquisador. A mesma demonstrou pouca intimidade, frisou que não é possível desenvolver fundamentos dos esportes no ensino médio, isto porque os alunos não colaboram com as aulas ao mesmo tempo que advertiu que os alunos/as já deveriam saber fundamentos e regras, pois “no ensino médio é para jogar”.

Assim que nas aulas predominaram o esporte propriamente dito, salvo um trabalho apresentado pela turma. Há um agravante, pois os alunos quando chegam no ensino médio não sabem as regras básicas dos desportos e deste modo as aulas se configuram no jogar pelo jogar, segundo a professora a essas alturas não é possível ensinar fundamentos e quem dirá as regras. Desta forma, a pressuposição da professora não se concretiza, já que é nítida a deficiência dos alunos/as com relação aos conteúdos ministrados com o passar dos anos. Também há rejeição dos alunos/as quando a professora não domina os conteúdos ministrados, ou seja, quando não sabe regras ou mesmo demonstrar os fundamentos. As aulas observadas durante foram idênticas e eu também já estava desanimado.

A segunda professora observada, Mara, formou em 1979, comentou que de tempos em tempos mudava de cidade, isto é, de acordo com suas palavras seu marido viajava muito e até mesmo por sua descendência cigana não consegue ficar muito tempo numa cidade. Parou de lecionar por alguns anos onde abriu uma loja de confecções. Voltou à escola e pretende continuar, pois segundo Mara este é o espaço onde se sente “realizada” porque gosta muito de estar no meio dos jovens.

A terceira foi Patrícia, professora que tinha maior experiências na área da Educação Física trabalhando em duas escolas e ainda ministrando aula de ginástica numa academia. Seu trabalho se caracterizou pelos afazeres burocráticos, ou seja, resolvia e

organizava as pendências da escola como: festa junina, fechar notas, organizar olimpíadas, corrigir trabalhos, campeonatos internos e externos, nos horários de aula, ou seja, enquanto os alunos/as jogam em quadra.

Desta experiência investigativa obtive melhor entrosamento com a Patrícia, isto também pelo motivo das professoras anteriores permanecerem por um ou dois bimestres com a turma ainda no primeiro ano do ensino médio. As aulas de Patrícia foram observadas também na turma do segundo ano havendo muitas oportunidades de convivência.

Nas avaliações realizadas pelas professoras foi levado em consideração a participação nas aulas e entrega ou apresentações de trabalhos, “os alunos/as que não gostam de aulas práticas podem adquirir nota nos trabalhos teóricos e os que não fazem trabalhos teóricos podem ganhar nota na prática”.

Outra medida adotada foi avaliar através de objetivos de aula, quer dizer que, neste dia os alunos/as são avaliados/as, uma forma de quantificar as aulas, aqueles/as que mais participavam foram os que obtiveram melhores notas. Deste modo, nas aulas onde foram observados os “objetivos” os alunos/as que não participaram não eram avaliados, esta era uma maneira de forçar os alunos/as a estarem ativos/as nas aulas. Sendo assim, os alunos/as que foram espectadores/as só participavam nos dias de objetivos, porém os que jogavam permaneciam menos que 10 minutos, passavam o nome a professora e voltam a sentar até o final da aula. A professora sabia que isto acontecia, e relatou: *“aquele aluno/a que não participa da aula, não será agora que irá participar”* mas deste modo estaria ao mínimo forçando a participar. Percebi uma falta de entusiasmo pelo trabalho realizado, como não há o que fazer.

As atividades desenvolvidas nas aulas variaram teoricamente de acordo com o bimestre. Célia propôs um trabalho, ministrou aulas teóricas assim que os alunos aprenderam regulamentos, regras, modelos de chaves, enfim como organizar um campeonato. Após as aulas, os alunos/as foram divididos em grupos. Cada grupo ficou responsável por escolher uma modalidade esportiva, não precisava ser um jogo reconhecido, poderia ser jogos tradicionais ou então criados pelos alunos/as. Por outro lado,

Mara desenvolveu os conteúdos futebol, basquete e vôlei, contudo, as duas últimas modalidades aconteciam raramente, de modo que predominou o futebol. Patrícia propôs trabalhos com temas diversificados: saúde, copa do mundo, organização de competições. Os alunos pesquisavam e entregavam os trabalhos, mas na prática predominou o jogo de futebol.

Não foi observado momentos de avaliação dos conteúdos ofertados junto a turma ou busca da interpretação pelos mesmos. Os conteúdos foram elaborados em reunião no começo do ano pelos professores/as de Educação Física do ensino médio, contudo cada professor/a poderia fazer variações dependendo da turma. As observações demonstraram que os conteúdos foram muito parecidos durante os dois anos letivos de investigação, parecia uma repetição. MUSTAFA (2003) ao mencionar relações educativas questiona o papel do professor dizendo que, não devemos ater apenas nas atividades pré-determinadas, mas também buscar nas próprias crianças suas experiências e vontades, pois desta maneira a participação na elaboração das atividades possibilitam além de uma troca de experiências uma maior motivação nos alunos/as.

Outro ponto a ser destacado foi o desejo de algumas professoras por aulas separadas por sexo, pois trabalhando com meninos e meninas separadamente poderia desenvolver especificidades como a ginástica para as meninas, lutas e futebol para os meninos. Aqui é importante destacar que muitos professores/as preferem ministrar aulas as turmas de ensino fundamental, pois conseguem realizar um trabalho individualizado “a fase de aprendizagem é no ensino fundamental, é lá que o aluno/a irá aprender a se movimentar, agora no segundo grau é tarde demais” palavras da professora que defende aulas separadas por sexo e que desta forma trataria destas peculiaridades. Os argumentos da separação são sempre por razões biológicas, ou seja, os meninos são mais fortes e hábeis, as docentes não conseguem numa mesma turma individualizar as diferenças de habilidades ou propor atividades diferenciadas ou mesmo trabalhar com o auxílio dos que sabem. As aulas são sempre todos juntos e ao mesmo tempo (colocar entre aspas), mas é evidente que uns fazem melhor e outros nem sabem como proceder. Para que haja aprendizagem no sentido do movimento é

necessário experiência, prática e a aprendizagem em grupo, de valores é concomitante a aprendizagem do movimento.

A maior dificuldade foi encontrada no grupo dos meninos quanto a promoção de atividades em que os corpos são expostos, como o caso dos alongamentos, comentados por uma professora, "eles alongam e têm vergonha de abaixar de mostrar a bunda para os outros". O medo de mostrar o corpo, a sexualidade, o que é permitido e o que é proibido (entre aspas).

CEMBRANEL (2000) verifica nos professores uma grande dificuldade em ministrar aulas de ginástica e expressão corporal também aos meninos, porém já nas atividades que envolvem maior contato físico como o futebol há preferência por eles. Os anseios são diferentes, existindo ainda o fator vergonha, pois através das atividades culturalmente atribuídas um sentimento de maior disposição é verificado. E a maior dificuldade ao especificarmos os sexos ficam dentre as atividades "*com o cunho lúdico e com o desenvolvimento das características afetivas, criativas reflexivas, motoras, sociais, culturais e cognitivas das crianças*" (pg. 217), sendo assim as modalidades esportivas acabam predominando nas aulas de Educação Física escolar. Há que remarcar que não foram observadas reflexões sobre as atividades desenvolvidas, nem em relação ao jogo como as próprias atitudes, já que a turma entrou na quadra, jogou e ao final da aula foram diretamente à sala de aula.

As participações e atuações nos grupos mistos aconteceram principalmente na divisão dos times quando faltavam meninos, complementava-se com meninas. Ou quando o futebol era feminino, havia sempre meninos como goleiros. Embora houvesse futebol para meninos e para meninas, muitas vezes, eram os meninos que permaneciam mais tempo nas quadras assim como nos jogos mistos eram eles predominavam no que se refere ao número de participantes. No estudo realizado por DARIDO (1997), a autora presenciou num jogo de futebol misto que as meninas sempre passavam a bola para um menino fazer gol e que numa proposta apenas feminina, elas acabavam fazendo gols e deste modo comemorando muito a possibilidade de experimentar o sucesso.

Isto nos leva a pensar que, nas aulas mistas ainda predomina o modelo masculino e quando as meninas estão entre si, estas têm possibilidades de aprender e experimentar diferentes conhecimentos, mas a implementação de um trabalho co-educativo vai depender de uma reformulação da estrutura curricular e não apenas da Educação Física. Será necessária rever os materiais curriculares, as concepções que permeiam os conhecimentos ensinados, as metodologias utilizadas, os conteúdos utilizados, linguagem, etc. Mas o que vai auxiliar na mudança é a formação de professores/as comprometidos com a educação de ambos os sexos.

No que se refere a falta de participação podemos dizer que alunos/as nas aulas estavam entretidos com diferentes atividades ou eram espectadores/as. Mesmo com a utilização da estratégia de “ objetivos” não foi possível modificar o panorama de participação nas aulas de Educação Física, além do que, na maioria das atividades não houve participação maciça da turma.

No desenvolvimento do trabalho proposto por Célia, existiam súmulas e fichas de inscrições e os alunos/as que desejassem participar deveriam se inscrever previamente, mas é importante ressaltar que se inscreviam e participavam sempre os mesmos alunos/as, o que possibilitou aos mesmos alunos/as maior habilidade nas atividades esportivas propostas. Configurando o espaço dos/as que sabem e desconfigurando desse modo o lugar de aprendizagem dos elementos da cultura corporal.

O predomínio na participação das atividades foi masculina. Além disso, houve uma marcante preocupação com a virilidade que foi constantemente vigiada pelos alunos, nas atividades como: tênis com peteca, caçador, frescobol, jogo da velha, queda de braço. O frescobol por sua vez foi a atividade que mais gerou polêmica entre os alunos, muitos se recusaram a jogar argumentando ser um jogo para meninas “...quem me forçar a jogar eu vou dar uma bolada na cara.”; “jogar frescobol? Você está brincando com a minha cara...” Comentário feito por um menino quando chamado pela segunda vez para jogar frescobol. Há que considerar que as atividades em si não são femininas e tampouco masculinas, as atividades são “ditas” femininas ou masculinas pelos valores que são socialmente construídos como estereótipos para o feminino ou para o masculino.

O jogo de frescobol foi considerado uma atividade discriminatória à masculinidade, “*jogo de gay*” como dito por meninos que assistiam aos jogos. Além disso, mesmo as atividades sem atribuição de valor acabavam sendo contestada por eles, como na preparação das olimpíadas do colégio onde um aluno veio conversar com a professora: “*o time de futebol da minha sala está formado, não dá para entrar no time da 2ºB, porque basquete e vôlei é coisa pra quem...gosta e eu não gosto*” Na forma que o aluno manifestou seu desejo transpareceu que o jogo não se encaixa nos moldes masculinos, mesmo o basquete tendo vários lances de força, velocidade, destreza dentre outros que podem ser caracterizados com uma atividade masculina, que também não é o caso, pois as atividades em si não são femininas ou masculinas.

No espaço masculino como o esportivo tanto as atividades consideradas femininas como as características dos sujeitos que destoam da dita normalidade são severamente punidos com brincadeiras, piadas, rejeições, etc...

A preferência dos meninos foi o futebol, mesmo no desenvolvimento de outras atividades como verificados nas apresentações dos trabalhos em equipes, os meninos ficavam jogando futebol enquanto a outra parte da turma participava das atividades. Participar da aula de Educação Física era sinônimo de “jogar futebol”; “*futebol aêêê*”. Vários foram os alunos/as que demonstraram satisfação quando a professora disse que a aula seria futebol. Basquete e o Vôlei também foram praticado pelos alunos/as, outras atividades foram rejeitadas ou realizadas com objetivo de compensação “*professora você viu que participei, agora me dá a bola de basquete*”. Pedido feito à professora por um aluno logo após sua participação numa atividade proposta por um grupo no trabalho apresentado.

Embora o futebol fosse a preferência da turma, muitos alunos foram deixados de lado, Gustavo só jogava nos dias que a professora liberava a bola de Basquete. Ou por “*traumas*” como dito por Rafael que chegou a jogar como goleiro do time dos juniores do Paraná Clube e lesionou o joelho tendo que passar por uma cirurgia, acabando com sua carreira e sua motivação para o futebol.

A relação dos meninos entre si eram diferenciadas em dois grandes grupos: os alunos que não participavam e os que participavam das aulas. Estes grupos eram também diferenciados dentro da sala de aula ficando no fundo a esquerda o primeiro grupo e na frente o segundo, que foram rotulados pelos alunos do fundo como, "os meninos que se acham", estes raramente entregavam tarefas e trabalhos, diferentes dos que não jogavam que entregavam e até faziam trabalhos para os colegas do outro grupo, como o caso de Paulo que era explorado a fazer trabalhos, e mesmo não querendo fazer, houveram alunos que foram até sua casa dizendo que iriam pagar pelo "serviço".

Estes grupos também eram diferenciados na relação com as meninas, o grupo "dos que se acham" estavam sempre rodeado por elas, já os do fundo não, estes em suas atitudes se mostravam tímidos e se auto afirmavam como "pernas de pau", pois quando jogavam além de não conseguir fazer o gol ainda levam boladas sendo considerados como "cômedia" nos jogos.

Segundo CONNELL (1995, 189) são dois os aspectos vistos como complexos ao se pensar a masculinidade: "Em primeiro lugar, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela. Em segundo lugar, qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória".

As interações dentro dos grupos aconteciam de diferentes maneiras. Os que se "*acham*" gostavam de brincadeiras de briguinha, chutar a bola no colega e ficar abraçado com as meninas. Os "comédia" ficavam sempre no mesmo canto da quadra observando os jogos em posições estáticas, se isolavam e gostavam de fazer brincadeiras entre eles tais como: "...o Paulo mora em frente o colégio e sempre chega atrasado ...ele só sabe estudar, comer e dormir". Estavam também atentos quando seus companheiros entravam nas quadras, comentários e críticas surgiram a todo instante. "você esta velho!" gritou um aluno para seu colega que acabava de ser queimado no jogo de caçador, "põem o pé na forma!"

gritou um menino que estava sentado quando viu um chute de seu colega que passou longe do gol. Este também era um modo de diminuir os meninos do grupo contrário.

A ocupação dos espaços físicos – cada um dos grupos tinha um lugar de preferência. Os “comédia” ficavam sempre nos cantos, independente da quadra onde acontecia as aulas. Existia um cantinho onde ao entrarem, se dirigiam a estes locais à sombra. Já os “que se acham” permaneciam sem locais fixos, estavam sempre bem próximos dos jogos, por este motivo ocupavam mais as quadras, que qualquer outro local. Da mesma forma que as meninas que jogavam também não dispunham de preferência por locais. Já as meninas que não participavam e os grupos mistos, que não participavam, ficavam sempre nas escadinhas observando e conversando.

“Por mim jogar bola com meninos ou meninas não tem problema! Agora têm meninos que vêm para as aulas pensando em jogar futebol para valer”. As palavras de Fernando, aluno que estava no grupo dos “comédia”, não identifica preconceito com as meninas. Mas nas aulas, muitas vezes, os alunos vinham com calção de times de futebol que estavam por debaixo calça que era tirado na quadra mesmo. Estes alunos eram os que mais demonstravam rejeição na presença das meninas, quando deveriam encerrar o jogo para entrada delas diziam, “*menina jogando futebol não dá!*” Porém, estes quadros foram se revertendo devido a intervenção da professora Patrícia, que ao saber que as observações estavam voltada ao gênero “tomava” atitude ao disponibilizar as mesmas vivências a meninos e meninas.

Os meninos acabavam implícita ou explicitamente identificando que as aulas de Educação Física é o local para se jogar futebol. Palavras como “educação física é futebol ou se resume em futebol” são tomados como relevantes para novas estratégias dentro da escola ou como tentativa de reversão destes quadros repetidos. Aqui quero salientar que futebol é um dos conteúdos e que deve ser ministrados, mas temos outros jogos, brincadeiras, ginástica, vôlei, basquete, handebol, etc. Que também fazem parte da Educação Física e que devem ser ministrados aos que sabem e aos que não sabem. Segundo o diretor, a disciplina é tida como “fundamental para a escola”, mas a visão dos alunos/as não é a mesma. Certo dia a zeladora estava reprimindo dois alunos que estavam passeando pelos corredores a

voltar à sala de aula, eles responderam “mas nós estamos em Educação Física”. O fato do horário ser dedicado a Educação Física representava um sentimento de liberdade aos alunos/as, ou seja, poderiam fazer o que quisessem, seria a “... aula para relaxar depois de uma prova de Português, quebramos a cabeça lá e não fazemos nada aqui”. Para outros alunos/as aulas de Educação Física “se resumem em futebol! Futebol é matéria!”

5.0 VIVENCIANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ao propor essa pesquisa à professora, inicialmente parti de um estudo de caso, único e aprofundado da realidade das aulas de Educação Física do 1º ano do ensino médio. Na seqüência do estudo expliquei o que foi observado e propus a leitura e discussão da temática de gênero para que na seqüência pudesse planejar 5 aulas conjuntas enfocando a temática de gênero. Porém, antes da intervenção conjunta na escola passamos por um período considerado como negociação. Isto se deu no início do último ano letivo para a turma que estava no 3º ano do ensino médio. Primeiramente conversamos sobre os encaminhamentos do planejamento de 5 aulas, que aconteceu após a ausência nos três primeiros encontros.

A professora mostrou-se interessada em interagir com a turma. Reconheceu situações polarizadas e adversas nas aulas e até mesmo na escola, admitindo não saber como encontrar saída. Pediu novamente o texto² que já havia lido uma vez. Ao entregá-lo apresentei também um resumo apresentado em evento científico ressaltando as observações. Informei-a que as observações iniciaram com duas professoras anteriores com a turma ainda no primeiro ano do segundo grau e que estaria aberto a explicações nas dúvidas que houvesse.

Surgiu comentários tímidos reconhecendo os acontecimentos nas aulas e argumentando que o trabalho eqüitativo ocorrerá se existirem recompensa ou outros interesses que atinjam aos alunos\as e que ao elaborarmos aulas construídas a partir de pontos específicos a serem desenvolvidos, apresentar-se-ia como proposta ainda inexplorada em sua vida docente.

Após contatos telefônicos, marcamos uma reunião para a discussão das aulas. A intenção seria de planejar aulas enfocando as perspectivas da professora objetivando sua criação e incorporação a realidade da turma. Contudo, minhas opiniões logo foram acrescentadas após o desenvolvimento da primeira aula. Ao refletir minha atuação na

² ALTMANN, H. Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (E) Homens na Educação Física. Revista Brasileira de Ciência do Esporte 21 (1), Setembro/99

turma esta deveria estar intimamente ligada aos desenvolvimentos das aulas e não apenas restringindo-me as observações. Na verdade com esta experiência eu estaria também ganhando a primeira oportunidade de vivenciar práticas não me restringindo aos estudos teóricos.

Foram estabelecidos cinco temas a serem desenvolvidos com a turma, cada um de acordo com a justificativa da professora:

1) Jogos de bola: Como os jogos com bola acabou predominando nas aulas de Educação Física, ficou registrado como o principal instrumento do professor\a. A primeira etapa desenvolvemos jogos com bola.

2) Atividades individuais: As aulas observadas tiveram sempre o mesmo perfil com os alunos\as desenvolvendo atividades coletivas. Contudo, esta atividade será uma atividade onde os alunos\as deverão expor em forma de desenho atividades das aulas de Educação Física no decorrer de sua vida escolar.

3) Atividade com regras criadas pelos alunos(as): Construção das regras juntos aos alunos\as onde eles estariam decidindo quais as melhores adaptações para equivalência nos jogos.

4) Atividades em equipes: Nas atividades apresentadas sempre se destacavam os mesmos, nesta atividade todos os integrantes serão uma peça chave até completar a prova.

5) Atividades musicais e interpretativas: A música sempre apresentou como questão problemática nas relações de gênero, desta forma provocaremos um trabalho musical e interpretativo.

5.1 PRIMEIRA AULA - TEMA: JOGO COM BOLA

Embora tenha chegado atrasado, acompanhei o final de um alongamento, que pela primeira foi realizado. Os alunos(as) aqueceram as principais articulações e logo após a professora iniciou o jogo do caçador.

Neste jogo a cada jogador queimado deveria ir à sua base e o aluno que já estava na base entrava no time adversário. Desta maneira o jogo se concentrou com um aluno na base de cada lado e o time que mais queimou foi também o que mais crescia em número de jogadores tendo mais chances de ter um jogador atingido. O jogo durou a aula inteira, já que não havia fim. Foi encerrado pela contagem do maior número de jogadores nos times.

Segundo a professora a evasão foi menor na aula, houve 4 alunos sentados, 1 menino e 3 meninas. Até então não tínhamos realizado nenhuma modificação na regra, onde evitaria os acontecimentos, já que além de haver uma aula temática oportunizando as modificações das regras, eu também mantive atento, mas não interferi. Nesta aula mesmo com duas meninas atingidas fortemente com a bola, a aula foi considerada motivante e positiva no âmbito da equivalência e diminuição da exclusão de ambos os sexos. Contudo os meninos acabaram detendo a bola com mais facilidade e também com mais força para o ataque, que acabou polarizando o jogo nas mãos dos meninos. Elas foram as mais queimadas e mais visadas para o ataque, foram consideradas como ponto fraco dos times. Nesta relação a interferência da professora poderia acontecer, pois se naturalmente se deram estas situações, há um significado já comum para os alunos/as, onde os meninos sempre farão a diferença nos times. Por outro lado, as meninas mesmo como alvo no jogo, tiveram a oportunidade de participar do jogo e é com a experiência que elas poderão aprender.

Porém como analisado pela professora o segredo da participação nesta atividade esteve na modificação de um jogo já tradicional para os alunos/as ficando impossível a exclusão do jogo mantendo uma dinamicidade apresentando-se competitivo e cooperativo.

5.2 SEGUNDA AULA - TEMA: ATIVIDADES INDIVIDUAIS

O objetivo estaria na representação dos alunos\as através de desenhos em experiência marcante em aulas de Educação Física no decorrer da vida escolar. Nesta aula minha participação foi ativa auxiliando a professora nas atividades. Logo no começo como o material não foi suficiente para a turma tivemos que fazer duas séries de desenhos, primeiramente 15 alunos pintaram depois o restante da turma que aguardava jogando basquete na quadra. A atividade não chamou atenção dos alunos, a maioria não demorou mais que 5 minutos para acabar os desenhos pintando sem capricho e já entregando a professora. Estes comportamentos foram vistos principalmente pelos meninos onde ao comparar desenhos de meninos e meninas, os meninos desenhavam corpos como espetinhos jogando bola, ou fazendo o gol, desenhavam e saiam correndo jogar basquete. Já as meninas se preocupavam em mais detalhes como representar a saia, desenhos constando a presença da professora, melhor disposição de cores e identificação das pessoas.

A maior parte dos desenhos dos meninos foi representado pelo futebol: times de futebol e muitos momentos de gols. Dois desenhos se referiram ao voleibol, dos 14 meninos 1 desenhou sua grande habilidade de goleiro, 2 bloqueando a bola de vôlei, 2 jogando basquete e o restante representando partidas de futebol.

As meninas fizeram reproduções de rodinhas de vôlei, pular corda, fazer ginástica e corrida. A proporção maior foi para jogos de vôlei, a grande maioria comentou que suas experiências depois do primário foram principalmente com o vôlei, além de outros jogos como o futebol, basquete e caçador.

A professora comentou que pela quantidade de alunos poderíamos esperar uma diversidade de reproduções já que a educação física é muito mais ampla que estes tópicos, contudo comentamos que isto poderia ser reflexos das experiências vividas na vida escolar que se resumem em um círculo vicioso de conteúdos. A própria professora sente a necessidade de tentar ampliar as aulas, comentando sentir um pouco de dificuldade com

os próprios recursos da escola, cita que agora está chegando uma televisão com vídeo que poderia utilizar como ilustração nas aulas e outra saída seria a improvisação de materiais, tentando colocar os alunos em situação parecidas com a realidade citando o exemplo dos esportes radicais e atletismo.

O apoio da formação permanente dos docentes seria fundamental até mesmo para as trocas de experiências da realidade nas escolas e em especial as do estado, contudo o quadro atual não se encontra em plena sintonia ficando as dificuldades dos professores diversas, e a política de qualificação profissional ainda baixa não suprimindo a necessidade. Com relação às situações vivenciadas, além de criativos buscando suprir as dificuldades da escola, o professor poderá buscar diversas estratégias de atividades que não dependam de muitos recursos bem como opções de jogos e brincadeiras, regras diversificadas dentre outros. Em minha experiência na prática de ensino por exemplo, os professores emprestaram skates dos alunos para que fossem utilizados nas aulas de educação física, aproveitando estes alunos que emprestaram o material para serem modelos para as aulas, já que tinham uma habilidade mais desenvolvida comparada ao restante da turma.

5.3 TERCEIRA AULA - TEMA: JOGOS COM REGRAS CRIADAS JUNTO AOS ALUNOS(AS)

A primeira etapa da aula foi com os alunos\as jogando um jogo com as regras devendo ser criadas por eles\as visando deixar de forma equitativa a participação de todos e a participação deveria atingir o máximo da turma. Para tanto foi feita uma votação no quadro antes de ir às quadras, o futebol venceu com cinco pontos a mais do que o basquete, que ficou em segundo lugar. Ainda na sala a professora definiu junto a turma algumas regras básicas para o início do jogo:

- 1) Esquecer todas as regras do futebol.
- 2) Montar dois times mistos.
- 3) Antes de fazer o gol deveria haver 10 passes entre os jogadores do mesmo time.

4) Definir o espaço de jogo.

Neste dia havia poucos alunos\as na turma, 22, que foram divididos em dois times. O jogo iniciou e logo no começo foi interrompida a partida para a primeira modificação na regra, pois não conseguiam dar os 10 passes sem perder a bola apresentando dificuldade para executar o gol. Para tanto a regra foi alterada para 5 passes antes de poder chutar ao gol, desta maneira melhorou a dinamicidade.

Após 20 minutos de partida um time se revelou mais forte com o placar em 5 a 0 a seu favor. Foi então que junto a professora resolvemos tentar equilibrar a partida parando novamente o jogo explicando aos jogadores\as o que estava acontecendo para repensar a partida.

Foi discutido a troca de dois jogadores, um de cada time, porém desta forma ficaria explícito a troca de um aluno de boa habilidade por um de menor, ao invés disto apenas aumentamos o número de jogadores, mais 2 jogadores, no time perdedor. O jogo apresentou-se mais equilibrado onde após 10 minutos paramos novamente e zeramos o placar, argumentando que apenas as meninas deveriam fazer o gol. Desta maneira os meninos de ambos os times faziam todos os dribles e as meninas que já ficavam na banheira apenas chutavam para o gol. O jogo apresentou-se num clima divertido com a maioria dos alunos e alunas que além de participarem comemoravam os lances e gols marcados.

Certamente o fato das meninas terem apenas que realizar o gol, acabou sendo uma forma compensatória frente às dificuldades com o domínio da bola. O objetivo do jogo é o gol e ficando elas com esta tarefa aparentemente apresentaram-se como peça chave nos times, mas com o resto das situações ficando por conta dos meninos foram eles quem realmente deram corpo ao jogo. Porém esta facilidade com o desporto se apresenta devido aos inúmeros momentos de suas vidas em contato com a modalidade diferentemente das meninas que além de não exercitarem fundamentos básicos, em raros momentos praticaram estas habilidades.

Finalizando a aula zeramos novamente o placar e montamos os times para o jogo de futebol de gêmeos, ou seja de mãos dadas. A primeira impressão foi que as meninas já deram as mãos para meninas e meninos as mãos para meninos, uma menina que não conseguiu fazer parceira com outra do mesmo sexo fez com um menino, não intervimos nesta divisão os pares se uniram por afinidades. Antes de iniciar o jogo discutimos a criação de mais uma regra: os parceiros não poderiam soltar as mãos.

Passados 4 minutos trocaram as duplas para que a partida não ficasse monótona, contudo dois meninos em um dos times demonstraram desinteresse pela aula, mas também não prejudicaram o andamento. Isto talvez pelo fato do jogo ser desenvolvido a fim do desenvolvimento social entre os alunos/as que possivelmente foi interpretado como jogo de “mentirinha” acabando por não apresentar reais situações do verdadeiro desporto, sem acirradas disputas e sim mais recreativo podendo ter desmotivado aqueles meninos.

A importância de cativar a maior parte da turma foi o principal objetivo da aula, mas sempre haverá alunos/as que estarão desmotivados. De acordo com a experiência da professora um processo de motivação ao longo prazo pode apresentar melhoras e que em uma aula é difícil motivar a todos. Porém, quando você está motivando a maioria e se perder muito tempo para atender estes detalhes, o resto da turma pode acabar perdendo o pique. Mas que na realidade os detalhes não acabam por meros objetos, em nosso caso cada detalhe é na realidade uma pessoa que talvez devido a seu passado apresenta hoje certas dificuldades, e que a resolução de um “detalhe deste” poderá modificar um futuro. Ressaltado a importância desta mudança, onde, por exemplo, algumas atividades poderiam ser desenvolvidas usando esses alunos como peças chaves da atividade. Citei a professora uma experiência que tive em colônia de férias, onde certa vez trabalhando numa turma de 10 e 11 anos, houve um garoto que todos os dias causava problema à turma, hora subindo no telhado, virando lixeira, brigando com os menores dentre outras coisas. Minha atuação não foi de repressão, mas sim da busca da confiança daquele aluno, nas atividades comecei a elogiar-lo, colocava como líder de equipe, comecei a conversar assuntos diversos com ele, enfim no final de duas semanas nos tornamos amigos.

Segundo a professora existe em muitos casos um falta de comprometimento por exemplo: os professores chegam ministram aula e vão embora ou para casa ou logo para outro trabalho. Não há reflexões das aulas e sim cumprimento de carga horária. Muitos professores sentem-se aliviados quando chegam estagiários da faculdade, pois tem sangue novo tentando fazer show nas aulas, ficando os professores como orientadores.

Lembrei neste momento de minha própria prática de ensino que a primeira intenção da professora foi de que tomássemos conta das quatro turmas dela, onde o combinado era de duas turmas. Esta professora ficou todo período de prática de ensino de “cara virada” conosco, pois não atendemos seu pedido.

Mas com relação ao jogo misto nesta turma houve grande aceitação pelos meninos que em muitos momentos se apresentaram como professores das meninas ensinando-as como chutar, como receber a bola, “chuta de peito de pé”, “domina”, “olha antes de chutar”, palavras de apoio dos meninos do time quando as meninas estavam diante do gol.

O jogo com regras criadas foi bem aceito pela turma, alguns alunos já perguntam o que haverá na aula que vem, mas também há aqueles que participam porque a professora está contando como ponto de participação, que talvez segundo as palavras a professora, quem sabe um dia não precise agir desta forma para motivar e provocar a participação de todos.

5.4 QUARTA AULA - TEMA: ATIVIDADE EM MICRO EQUIPES

O tema foi desenvolvido através de um caça ao tesouro. Distribuimos os alunos em equipes com 5 integrantes, formaram-se 5 equipes que foram divididas através de um sorteio com os números da chamada.

Nas quadras cada equipe recebeu o nome de uma cor, todos os integrantes deveriam ficar em quadra onde a própria equipe escolheu o integrante para executar e desvendar as pistas. Cada equipe desenvolveu os enigmas ao mesmo tempo, contudo as pistas foram entregues em ordem alternada a cada uma ficando sempre uma prova diferente a cada grupo.

Os enigmas foram encontrados nos corredores, salas, pátio, cantina, coordenação e banheiros, eles desvendavam enigmas onde este indicava outra pista que por sua vez indicava um objeto a ser entregue aos comandantes das provas que somente após esta entrega disponibilizou outros enigmas a ser desvendados.

A brincadeira começou animada os primeiros alunos saíram correndo ficando os integrantes das equipes esperando ansiosos seu retorno. Contudo, os meninos das equipes azul e vermelha começaram a distrair e não cooperar com as equipes. Primeiramente, sentaram e negaram-se a participar, depois “chutinhos e empurrões” já chamaram a atenção de outros meninos que se juntaram a eles. Neste ponto, o caça começou a perder a graça, pois chegou a vez destes meninos descobrirem a prova e eles não foram substitutos o que desmotivou o resto da equipe. Desta forma apenas uma equipe concluiu a prova.

Neste ponto ficamos também desmotivados com a turma já que havia uma programação que não foi cumprida pela turma com maturidade. A professora gostaria de conversar com a turma na próxima aula a respeito do ocorrido até porque estava envolvida com a brincadeira e não conseguiu dominar a situação mesmo chamando a atenção.

Imaginei que ela conversando com a turma fugiria da especificidade e naturalidade das aulas, pois possivelmente comentaria com os alunos que estávamos fazendo aulas experimentais e que eles ao mínimo deveriam se comportar e atender as exigências. No final das contas este foi o que vivenciamos com os alunos e a falta de cooperação surgiu e surgirá com as atividades e pressionando não seria a melhor saída para participar ou acabarão participando pelo propósito do cumprimento e não pela própria vontade.

Mas o principal ponto discutido entre eu a professora foi de que a atividade estava inadequada a faixa etária dos alunos/as. Na faculdade ela deu certo, contudo imagino agora que os próprios alunos participaram por participar visando colaborar com seus colegas de turma, mas não existisse uma vontade e gosto pelo que estavam fazendo.

Todavia a professora estava motivada neste processo, revelou que aulas estavam possibilitando fugir do habitual da escola, já que no segundo grau eles vivenciam o

“esporte” propriamente dito e que aparentemente apesar de tudo o que aconteceu na turma com relação a esta atividade os alunos\as estão participando.

Ficou evidenciado que os professores\as devem ter comprometimento nas aulas, no nosso caso, por exemplo, mesmo com dois professores tivemos problemas e não conseguimos realizar uma boa aula, quem dirá então um professor sozinho e ainda sem experiência nos conteúdos e propósitos da educação.

5.5 QUINTA E SEXTA AULA - TEMA: AULA MUSICAL / CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS COM SUCATA

O principal objetivo desta aula foi em provocar os alunos(as) a dançarem músicas atuais, da moda e/ou escolhidas por eles. Após o “fracasso” na aula anterior imaginamos que não conseguiríamos ministrar a aula ainda que nem eu muito menos a professora dispunha da facilidade com o tema e tampouco sabemos dançar. Pensamos em provocar algumas meninas como direcionamento “espelho” na aula, mas acabamos optando por outra saída: de desenvolver sim a aula com o tema musical, mas através da confecção de instrumentos musicais a partir de materiais recicláveis.

Desta forma a professora conversou com a turma a respeito da falta de cooperação com a disciplina, caso da última aula, aproveitando para informar que na próxima aula deveriam trazer materiais recicláveis para a confecção de instrumentos musicais, aproveitando ainda o restante da aula para pensar como fariam os instrumentos nesta aula entregando no final uma folha com o instrumento pensado.

As palavras utilizadas pela professora referiram-se principalmente ao comprometimento dos alunos dentro da escola, já que há maturidade. O fato de estar na escola não representa liberdade e principalmente nas aulas de Educação Física onde o desenvolvimento se dá “mais solto” acabam confundindo liberdade com libertinagem.

No dia combinado além dos alunos, eu também levei uma variedade de materiais para entregar aos que poderiam esquecer de levar a escola, mas por incrível que pareça a maioria trouxe material mas principalmente as meninas.

Começamos a aula disponibilizando tesoura, cola e fita crepe aos alunos\as distribuídos em grupos onde deveriam dividir o material, já que não tinha para todo mundo. Após 30 minutos de construção os grupos deveriam fazer uma apresentação aos demais grupos formados.

Nesta atividade os alunos se motivaram ficando ansiosos para apresentar algum instrumento diferente como o caso de Fernando que queria inventar algo nunca inventado. Acabado o tempo, deveriam seguir os critérios: apresentar o instrumento, explicar os materiais utilizados, o nome dado do instrumento e para a apresentação poderiam utilizar além do som gestos e coreografias.

As coreografias foram apresentadas apenas por um grupo de meninas, os demais grupos (4) apresentaram rapidamente o som de cada instrumento e o som feito num conjunto ensaiado com pandeiros, atabaques, reco-reco, latinhas com pedras e outros como garrafas para bater com um ferro.

Os alunos se interessaram ao ver os instrumentos e apresentações dos colegas. Se não houvesse material para todos muita gente ficaria sem fazer. Segundo a professora “seria muito interessante uma apresentação do colégio (banda) com instrumentos confeccionados com materiais recicláveis”, comentando de uma cena vista na televisão e assim poderia com os alunos interessados, criar esta bandinha.

Esta atividade acabou fugindo completamente da rotina desta turma, segundo Paulo a única vez que instrumentos musicais foram tocados na escola, foi nas olimpíadas do ano passado, onde cada torcida trouxe um instrumento para animação. Segundo ele o fato da criação de um instrumento na turma acabou sendo identificado como busca da criatividade dos alunos. Seu último comentário esteve voltado ao que se reflete as aulas de Educação Física já que “...na aula de português sabemos que aquilo é importante pra a vida, na aula de matemática nem tanto”.

Na aula de matemática nem tanto? Isso se refletiu a diversos aprendizados que não conseguiu associar a necessidade do seu dia-a-dia, tantas fórmulas, triângulo equiláteros, números irracionais, ele deve se perguntar onde vou utilizar isto? Recordo-me de uma reportagem cujo tema era matemática no dia-a-dia. O professor identificava situações do

cotidiano para problemas: área para colocação de cerâmica, m^3 para medidas de piscina dentre outros. A principal tarefa era a de oportunizar o dia-a-dia para os alunos.

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo observamos que a atuação docente inconscientemente (re)produz estereótipos de gênero e isso nos remete a formação de professores/as compromissados com a formação de ambos os sexos, disto advem a importância de abordar a temática na formação inicial e permanente de professores/as de Educação Física. Contudo, há que ressaltar que a escola é uma instituição social complexa e contraditória em relação a sociedade da qual faz parte. Na escola se desenvolve uma continuidade dos processos identitários dos sujeitos, razão pela qual a escola é um espaço recorrente para a reconstrução da vida social, tanto no aspecto reprodutor como renovador, isto é, ao mesmo tempo que se pede que se mantenha as tradições também se espera que este seja um lugar de preparação para o mundo. Acreditamos, que o importante é construir sentido sobre a escola e dar sentido na nossa presença como professores/as de Educação Física.

Nas aulas analisadas os meninos se relacionaram distintamente por grupos de interesse, participação e relações entre os sexos havendo predomínio das atividades esportivas que estão relacionadas aos interesses dos meninos como: futebol, vôlei, basquete e handball. Além disto, quando aqueles que participavam das atividades diferenciadas como frescobol, caçador, tênis com peteca entre outras, a professora deixava os alunos à vontade, como forma de “recompensa” para jogar algum dos seus jogos preferidos. A maioria dos meninos que estavam freqüentemente jogando futebol não participavam das atividades que “fugiam” das atividades “tidas” como masculinas: “...quem me forçar a jogar frescobol eu vou dar uma bolada na cara”. “jogar frescobol? Você está brincando com a minha cara...”

A falta de aprofundamento teórico por parte do corpo docente foi verificado em diferentes situações e que também é identificado como fundamental por eles mesmos, já que tais quadros discutidos com algumas das professoras são no cotidiano da escola visto como indiferente e distante de questionamentos e tentativas inovadoras. Contudo, a ampliação dos assuntos discutidos são de interesses das

professoras como caso de Patrícia que se propôs a ler artigos referente ao tema, a intenção em discutir suas aulas onde identificou é um dos propósitos fundamentais da pesquisa em questão. Além disso, observamos que muitos dos estereótipos de gênero foram construídos junto com os alunos e alunas no decorrer das atividades.

O trabalho ocorreu em parceria com a professora e se deu de modo estratégico, já que num primeiro momento tivemos uma série de rejeições frente as propostas, identificando atitudes “artificiais”, preocupação em saber se nossas observações eram avaliativas e muitas dificuldades em conversar sobre os acontecimentos e dúvidas, excesso de trabalhos burocráticos que foram resolvidos nos horários das aulas. Todos esses elementos serviram de base para que de alguma forma eu pudesse conquistar a confiança da professora. Para isso, lancei mão de textos sobre a temática de gênero, conversas informais, participação junto à turma nas atividades, feedback sobre as evoluções e dificuldades da turma configuraram minha maior preocupação com a turma investigada do que nas atitudes e atuação docente, isso de algum modo possibilitou maior receptividade e entrosamento com a professora e a turma.

Nossa colaboração teve um sentido de orientar as atividades desenvolvidas na turma analisada com ênfase nas questões de gênero, aprimoramento de atividades adequadas a faixa etária que envolvessem capacidades individuais, em grupos, que despertassem o senso de liderança, (re)criação e inovação de regras pelos alunos, desenvolvimento de habilidades artísticas e musicais. A experiência foi interpretada como desafio pela professora que não conhecia a relevância do gênero, tanto que despertou interesse e houve discussão sobre o texto e situações nas aulas. Isto nos proporcionou subsídios para afirmar que houve falta de conhecimento sobre a temática de gênero, o que evidencia a insuficiência ou mesmo a neutralidade da temática na formação inicial e continuada dos/as professores/as de Educação Física. Esta experiência foi significativa à professora e ao final proporcionou participação de ambos os sexos nas aulas de Educação Física.

Diante das evidências, identificamos na formação docente a necessidade de uma apresentação mais sensível e crítica na busca de superação das questões relativas ao gênero em especial à diferenciação de sexo/gênero. Em hipótese alguma apenas a construção de aulas alternativas será o bastante. É preciso um trabalho que possibilite o despertar da consciência docente para que as situações do cotidiano sejam perceptíveis, que se façam visíveis, é um modo de desvelar o que está encoberto, o que é aceito como natural, por exemplo: “*menino não chora*”, “*isso não fica bem para uma menina*”. Porém, ao fazer emergir essas questões pode-se originar tensões, já que princípios, hierarquias que tem sido aceitos como naturais ao longo da história serão questionados.

Autores como COSTA e SILVA salientam que é urgente superar as reticências por parte dos professores, professoras, alunos e alunas, porém é necessário desvelar as discriminações as quais sofrem as mulheres com as atitudes sexistas, indiferentes, compensatórias, marginais e de igualdade que ocultam a real desigualdade entre os sexos.

Não só as meninas, mas também os meninos que não correspondem ao modelo do forte, agressivo, habilidoso,... também foram vítimas do modelo vigente. Assim que, gostar e ser habilidoso no futebol é quase que uma obrigação para os meninos. Conforme os autores acima citados isso quer dizer que há uma reprodução e produção do sexismo e dos papéis masculinos e femininos permeando o processo educativo da Educação Física.

Assim que a busca da igualdade de oportunidade é ampla e complexa, de acordo com COSTA & SILVA (2002) refletem, o fundamental é valorizar a diferença e a contribuição individual para ambos os sexos, sendo oferecida atividade física como direito, com recursos iguais para atividades femininas e masculinas, ampliando, dessa forma, a sua oferta e proporcionando maior elenco de atividades, tais como recreação, desenvolvimento e manutenção.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (E) Homens na Educação Física. Revista Brasileira de Ciência do Esporte 21 (1), Setembro/99.

ANDRE, M. E. D. A. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. 99-110, 2001.

BRACHT V. & COLABORADORES Diagnóstico da Educação Física Escolar no Estado do Espírito Santo: O imaginário social do professor. Revista Brasileira de Ciências do Esporte-Educação Física/Ciência do Esporte: Intervenção e Conhecimento -Anais-Caderno 2 vol.21 nº 1 Setembro1999.

CARVALHO, M. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. Revista de Estudos Femininos, vol.9, nº2,2001.

CEMBRANEL, C. Aulas co-educativas: o que mudou no ensino da educação física Motrivivência, Maio, Ano XI, nº 14, 2000.

CONNELL, R. Política da masculinidade. Educação e Realidade, nº20, 185-206,1995.

COSTA, M.R.F. & SILVA, R.G. A Educação Física e a Co-Educação: Igualdade e Diferença? Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas. V.23. n.2. p. 43 –54 jan. 2002.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: Elaine, Romaro(org) Corpo, mulher e sociedade. Campinas: Papirus: 99-108,1995.

DARIDO, S.C. Professores de Educação Física Procedimentos, Avanços e Dificuldades. Revista Brasileira de Ciências do Esporte,1997.

DUNNING, E. El Deporte como Coto Masculino: Notas sobre las fuentes de la identidad masculina y sus transformaciones. In: Elias, Norbert e Dunning, Eric. Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion. Madrd: Fondo de Cultura Economica, pp: 323-342,1992.

FELIPE, J. Infância, gênero e sexualidade. Educação e Realidade-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre: v.25 n.1 pp: 115-131 jan/jun 2000.

FRANCO, M. & NOVAES, G. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. Caderno de Pesquisas, nº 112, 167-183, 2001.

GARCIA, R. L. Para quem investigamos – para quem escrevemos. In: Moreira, A.F., Soares, M., Follari, R.A., Garcia, R. L. (org.) Para quem pesquisamos -para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 2001.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2ª Edição, 1997.

MEDRADO, B. & LYRA, J. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In: Miriam Adelman, Celsi Brönstrup Silvestrin. Coletânea gênero plural, 2002.

MOLINA, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: Molina Neto, V., Triviños, A. A pesquisa qualitativa na Educação Física. Porto Alegre: Editora Universidade/Sulina, 1999.

MUSTAFA H.S. Relação Professor e Aluno nas aulas de Educação Física-ENEF, 2003

ROZEK, M. & BERNARDES, N. Meninos com dificuldades escolares: aprendizagem, subjetividade e gênero. Educação, ano XXII, nº 39, 107-134, 1999.

SABO, D. estudo crítico das masculinidades. In: Miriam Adelman, Celsi Brönstrup Silvestrin (org.) Coletânea gênero plural. Curitiba: UFPR: 33-46, 2002.

SCHESCHOWITSCH, A. Aulas Mistas na Educação Física Escolar um estudo de caso. Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, UFPR Curitiba 2002.

SILVA, M. C. P. & FERREIRA, T. C.V. Educação Física nas escolas religiosas: Formação de diferenças histórico-sociais. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v. 25, n.2, p.55-69, janeiro, 2004.